

NOTAS DE BIBLIOGRAFIA E DE CRÍTICA LITERÁRIA

NERUDA, Pablo. *Para nascer nasci*. Trad. de Rolando Roque da Silva. Rio de Janeiro, Difel, 1979, 386 p.

Momentos vívidos intensamente. Reflexões, testemunhos sobre homens de seu tempo. Cento e quarenta textos, na maioria nunca publicados em livro, selecionados, como aqueles que compõem *Confesso que vivi*, por Matilde Neruda e Miguel Otero Silva. Distribuídos, desigualmente, em sete cadernos, alguns deles, os doze poemas em prosa, por exemplo, foram publicados quando o poeta tinha dezoito anos. Outros, como o prólogo para a edição francesa de *El río* do escritor chileno Alfredo Gomez Morel, escrito no ano de sua morte. Entre essas duas datas — 1922 e 1973 — a prosa de Pablo Neruda vai completando, desalinhadamente, as suas intermitentes (são palavras suas) lembranças: relatos de viagem, cartas, prólogos, discursos, necrológios, poemas em prosa ou mensagem enviada a um festival da juventude em Varsóvia, texto escrito para uma exposição surrealista em Paris ou textos das conferências pronunciadas.

Nos relatos de viagem, alinda a visão do Oriente: Port Said, Djibuti, Singapura, Madras, Shangai, Ceilão. Onde se mesclam as imagens plásticas, as sinfonias dos sons, as impressões olfativas e estão presentes os tipos humanos, os movimentos de massa num todo de longínquos horizontes e minuciosos detalhes.

Das quatro cartas, uma foi escrita em 1958, duas no ano seguinte e a última em 1973. Irônica, incisiva, a carta que escreveu ao presidente do Chile, Don Carlos Ibáñez del Campo, num momento em que era negado a Pablo Neruda, como a outros chilenos, o direito de voto, isto é, um direito que mesmo os piores delinquentes ou "os mais hábeis exploradores" possuíam. Argumenta no absurdo que é ter sido recebido e honrado por tantos países europeus, merecido prêmios internacionais, ver traduzidos os seus livros em quase todos os idiomas, fazendo com isto brilhar o nome de seu país para nele, não ter o simples direito de voto. Ao presidente do México, Díaz Ordaz, fala de Silvestre e de Rosaura Revueltas, irmãos do romancista preso, de seu amor pelo México e pede a liberdade de José. Porque sem dúvida é inocente, possui a generosidade própria da família e, sobretudo, porque é muito amado. Neste mesmo ano, escreve ao presidente da Academia Estadonidense de Artes e Letras para agradecer a honra de ter sido eleito sócio, compreendendo que a homenagem se estende, também a seu povo. No entanto, explica que se une aos intelectuais norte-americanos contra a guerra do Vietnã e que nestas condições, não poderia aceitar a distinção que lhe é outorgada das mãos de nenhum embaixador dos Estados Unidos e tampouco em lugares que representam o governo. No dia 31 de agosto de 1973, ou seja, vinte e quatro dias antes de sua morte, escreve uma carta de adesão ao general Carlos Prats que renunciou nas vésperas do golpe militar contra Salvador Allende. Nela, fala do "empenho cego" daqueles que mesmo a custo de uma guerra fratricida não cultivam outro interesse que o da conservação de privilégios caducos.

Seus prólogos foram escritos para a obra de dois romancistas chilenos (Volodia Feltelbolm e Alfredo Gomez Morel), de um romancista argentino (Rodolfo Aráoz Alfaro), para a edição tcheca de *Casas muertas y Oficina n.º 1* de Miguel Otero Silva, para uma antologia de poetas rumenos traduzidos por ele mesmo e para a obra *La lira popular*, editada em Santiago do Chile. Estes prólogos são atos de amor. De Pablo Neruda para com a Rumania e seus poetas, para com os poetas populares do Chile, para com os escritores e as obras que apresenta e, quando trata da obra de seus compatriotas, *El río*, "o clássico da miséria", *Hijos del salitre* "crônica definitiva de uma época", um ato de amor, também, para com os deserdados do Chile "racimos de meninos duros acostumados ao frio, à fome e a mais maligna inocência (p. 104)".

Para os próprios livros, são quatro prólogos cujo denominador comum é o seu olhar para o menino que foi. Com exceção daquele que escreveu para a *Civilização Brasileira*, a pedido de Enio Silveira, em que reafirma ter assumido o dever antigo dos poetas: "a defesa do povo e da pobre gente explorada", os outros três são poemas em prosa que falam de pássaros, chuvas, plantas, tempestades, cordilheiras. Água e terra do Chile que impregnaram seus primeiros anos e foram alimentando o seu escrever.

Onze de seus discursos estão agrupados sob a rubrica "Pablo Neruda fala". Quase todos agradecendo uma homenagem, inclusive o prêmio Nobel. Um deles, pronunciado na inauguração da Fundación Pablo Neruda para el estudio de la poesía, em 20 de junho de 1954, ocasião em que donou à Universidade a sua coleção de caracóis e a sua biblioteca, segundo ele por "um dever de consciência e para pagar, em parte mínima, o que recebi de meu povo" (p. 319). Narra como alguns dos livros vieram ter às suas mãos. Edições preciosas como um Garcilaso de 1549, ou tornadas preciosas, como o *Romancero Gitano*, pela dedicatória do autor. Uma biblioteca formada pacientemente, vencendo os obstáculos da pobreza e que Neruda entrega à Universidade num ato que significa oferecê-la a todos. A sua imensa coleção de caracóis de espécies raras das mais diferentes partes do mundo na qual, como ele conta nas suas memórias, faltava apenas um caracol terrestre do Mato Grosso "totalmente verde, com uma beleza de esmeralda joven" (*Confieso que he vivido*, p. 227) foi parar num sótão, sepultada pela Universidade, a boa instituição latino-americana que a recebera com discursos e louvores. Outro de seus discursos foi pronunciado num congresso de mulheres, no teatro de Caupolicán, em Santiago do Chile. "Sinal dos tempos" ser possível esse encontro entre mulheres e um poeta, diz Neruda lembrando uma época em que se chegou a discutir, num Concílio, se elas tinham alma ou não. E termina recitando a maravilha que é a "Oda a uma lavandera nocturna".

Ainda espalhados na obra, outros discursos: um para a campanha de Salvador Allende, outro pronunciado no Senado da República em 6 de janeiro de 1948 na qual acusa (é o verbo que emprega) o então presidente do Chile de uma série de atos — dúbia política exterior, opressão policial das classes trabalhadoras, manutenção de campos militares estrangeiros em território chileno, censura à livre opinião, endividamento do país com empréstimos quiméricos — que são denominadões comuns nos governos latino-americanos.

Os necrológicos são para seus pares e companheiros: Zoilo Escobar (poeta revolucionário), Augusto Winter, Mariano Latorre, Cesar Vallejo, Paul Eluard, Lenka Franulí, (jornalista), Alberto Sanchez (escultor espanhol que morreu exilado em Moscou). Pablo Neruda deixa falar suas emoções, recorda, fixa momentos. Sobre tudo se surpreende com a morte.

Nestas trezentas e oitenta e seis páginas impregnadas de América Latina, o Brasil está presente num texto publicado em 1927 — passagem pela bafa de Santos — e naqueles referentes a sua viagem pelo Brasil em 1968 quando esteve no Rio de Janeiro, Petrópolis, São Paulo, Salvador e Brasília. Sob as rubricas "No Brasil" e "Diário de Viagem" fala nos brasileiros que o receberam: Burt Marx, Jorge Amado, Marcio Moreira Alves, Vinícius de Moraes, dos arquitetos de Brasília — Niemeyer e Lúcio Costa e da natureza verde e exuberante, saturada de perfumes. E foi no Brasil onde discursou em memória de Garcia Lorca quando da inauguração do monumento em São Paulo.

Evidentemente, escritos aos dextoitos, ou aos sessenta e nove anos, motivados pelas mais diferentes razões, os textos que compõem *Para nascer nasci* são desiguais e se mantém algo em comum é o amor que Neruda sempre expressou. Pelos homens, pela natureza, pelas coisas. No discurso, o poeta das imagens, dos adjetivos, das cores.

Para o estudioso pode incomodar a maneira como foram datados os trabalhos, muitas vezes numa única nota que se refere a diversos artigos. Também, a ausência de datas em outros trabalhos. Mas, considerando que há, ainda, muito a dizer sobre o homem e o poeta Neruda, estes seus textos completam lacunas das memórias ainda que, na sua grande maioria, reafirmando conceitos e posições.

Discutíveis ou não — o passar do tempo tem sido proveitoso para a factura de concepções lúcidas sobre a situação latino-americana — estas páginas representam um momento da vida e do sentir de um chileno que sonhou muito alto sobre o porvir do homem latino-americano. Sobre tudo, representam a certeza de um homem na função da poesia. Que também pode ajudar na construção da América Latina.

Cecília Teixeira de Oliveira Zokner